

ERIKA LANA SIRIO FERREIRA



**A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

GOVERNADOR VALADARES

2011

ERIKA LANA SIRIO FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

GOVERNADOR VALADARES

2011

Ferreira, Erika Lana Sírío
A importância da arte para alunos com necessidades educacionais especiais: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Erika Lana Sírío Ferreira – 2011. 28f

Orientador (a): Geraldo Freire Loyola

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Loyola, Geraldo Freire II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. A importância da Arte para alunos com Necessidades Educacionais Especiais.



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais**

Monografia intitulada "*A importância da Arte para alunos com Necessidades Educacionais Especiais*" de autoria de *Érika Lana Sirio Ferreira*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador: Geraldo Freire Loyola – EBA/UFMG

Claudia Regina dos Anjos –EAB/UFMG

GOVERNADOR VALADARES

2011

Dedico aos alunos do AEE (Atendimento Educacional Especializado), aos professores do CRAEDI (Centro de Referência e apoio à Educação Inclusiva) por eles tive o incentivo em escrever sobre esse tema. Aos que direta ou indiretamente me apoiaram.

Ao Samuel King e meus filhos , pela força e paciência nas horas difíceis de construção deste trabalho não me deixando desistir.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus.

Aos tutores Álvaro e Hednamar pelos conhecimentos transmitidos durante o curso.

Ao Valério e Elias pelo apoio.

A todos os orientadores do curso que dedicaram a orientação a todos os participantes, em especial a professora Cláudia Regina dos Anjos e ao professor Geraldo Loyola que tive contato para minha orientação.

Resumo

O presente trabalho aborda a importância do ensino de Arte para alunos com Necessidades Educacionais Especiais. O mesmo foi realizado a partir de um trabalho de pesquisa bibliográfica e uma análise de resultados a partir de observação em campo em uma turma do Primeiro Ano do CI (Ciclo da Infância) de uma escola Municipal de Governador Valadares- MG.

Palavras-chave: ensino de Arte. Inclusão. Necessidades Educacionais Especiais.

Lista de abreviaturas e siglas

AEE	ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
CBC	CONTEÚDOS BÁSICOS COMUM
CRAEDI	CENTRO DE REFERÊNCIA E APOIO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
NEE	NECESSIDADE EDUCACIONAL ESPECIAL
PCN	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
PDI	PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL
SEE-MG	SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO - MINAS GERAIS
SMED	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Sumário

Introdução	10
1. O ensino de Arte e inclusão educacional de pessoas com deficiência: diálogo necessário	12
2. A importância da Arte para alunos com Necessidades Educacionais Especiais	19
3. Observações nas aulas de Arte de uma turma da Escola Municipal Pio XXII Governador Valadares - MG	21
Considerações finais	26
Referências	28

Introdução

A Educação inclusiva e transformadora, com a qual estamos comprometidos, pressupõe compreender os alunos em suas individualidades, como sujeito e com identidade própria “fazedor e refazedor” de cultura, a ser levado em consideração em todas as práticas pedagógicas inclusive no ensino de Arte.

O ensino de Arte ao longo de sua história passou por mudanças, mas ainda não vem sendo reconhecido por algumas escolas como conhecimento e não dando valor ao ensino de qualidade para os alunos.

Ao abordar o ensino de Arte, alguns autores como Ana Mae, Lucia Pimentel, têm contribuído nos estudos já feitos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem no ensino de Arte. Este trabalho procura lançar um olhar sobre o espaço “escola”, a inclusão da aprendizagem em Arte como conhecimento e socialização não somente como “passa tempo”.

De maneira geral, este trabalho trata sobre a importância do ensino de Arte para os alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

O primeiro capítulo apresenta uma abordagem através de pesquisa bibliográfica sobre o ensino de Arte e inclusão educacional de pessoas com necessidades Educacionais Especiais, as dificuldades de colocar em prática o ensino de Arte na perspectiva da inclusão e a necessidade da escola se modificar para atender as diversidades a ela apresentada.

O segundo capítulo mostra a importância da Arte para alunos com NEE destacando que o ensino de Arte deve ser trabalhado de forma a permitir que este aluno também possa contribuir com o seu conhecimento prévio, considerando seus limites e capacidades.

O Terceiro capítulo trata das observações feitas sobre o ensino de Arte, nas aulas da disciplina Arte, na Escola municipal Pio XXII da cidade de Governador Valadares. A turma que escolhida, 1º ano do Ciclo da Infância, possui uma aluna com NEE.

O embasamento teórico deste texto tem como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-Arte), o Conteúdo Básico Comum (CBC) Proposta Curricular de Ensino de Arte para o Ensino Fundamental da Secretaria do Estado de Educação de MG (SEEMG) e o Marcos Político-legal da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Ministério da Educação – Secretaria da Educação Especial, Brasília 2010). Utilizou-se, também, o texto de Lucia Reily, “O Ensino de Artes Visuais na Escola no contexto da Inclusão”, que atenta para o falta de preparação dos acadêmicos, no que tange ao trabalho com este público e livros de autoria de Ana Mae, pesquisadora referência em ensino de Arte no Brasil.

1. O ensino de Arte e inclusão educacional de pessoas com deficiência: Um diálogo necessário

Abordar o ensino de Arte na educação inclusiva pressupõe uma reflexão acerca da compreensão das diferenças individuais da diversidade humana. Pode-se dizer que a relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro, sendo a escola um espaço em potencial e propiciador da interação, sistematização e socialização dessa mediação.

É preciso reconhecer que o ensino de Arte requer atenção e planejamento como todo conteúdo curricular. Além disso, deve estimular o desenvolvimento de potencialidades importantes, tais como imaginação e observação, contribuindo assim com o desenvolvimento do conhecimento do aluno.

Considera-se que durante o processo de aprendizagem, o aluno cria e organiza o seu caminho, que envolve escolhas experiências, motivações e novas aprendizagens. Acredita-se que ao se expressar por meio da Arte, a criança manifesta desejos, expressa seus sentimentos e experimenta sensações das mais variadas.

Esse é um desafio para compreender o sentido da valorização da criação artística e que, ao referir-se a tal assunto, percebe-se que não é através de exercícios repetitivos e cansativos, sem objetivos pedagógicos, que o aluno se interessará pelo conteúdo de arte. Estimular atividade criadora, com variedades do material e das experiências é importante para os aspectos dessa aprendizagem. Entender que as experiências de desenhar, pintar, filmar e outras representam uma produção.

Barbosa (2008) ressalta que

somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. Portanto, os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem em como a arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte. Sem a experiência do prazer da Arte,

por parte de professores e alunos, nenhuma teoria de Arte/Educação será reconstrutora. (p.14)

E as autoras Lavelberg e Mourão (2006) reforçam:

Não se pode ensinar aquilo que não se conhece. Para tanto, é necessário que o professor entre em contato com o universo da arte, conceitos, procedimentos, valores, vivências, conheça os contextos de produção artística e reflita sobre as obras em seus diversos aspectos (histórico, geográfico, estético, político, social, étnico, de gênero). Uma estratégia é associar, nos cursos para formação de professores de arte, oficinas de criação com visitas a espaços e a ateliês de artistas bem como ao estudo dos fundamentos do ensino e aprendizagem na arte. (p.6)

Com essas considerações; o ensino de Arte deve assegurar o direito de liberdade de criar, o direito de acesso a cultura, além de garantir a compreensão dos conteúdos da disciplina, e de professores envolvidos com a arte envolvendo um trabalho de verdadeira criação. O uso de materiais variados da arte, a observação, o comentário importante da experiência, a fantasia, a história é neste ambiente favorável que o ensino de arte como parte integrante do conteúdo curricular, cresce com precisão.

Na perspectiva inclusiva, ao desenvolver projetos no ensino de Arte nas escolas toma-se também como partida a diversidade cultural que está presente na vida de cada um. Kirst e Silva citam que “é na escola que muitas vezes necessita de outros olhares e novas perspectivas na formação de professores para que o ensino de Arte aconteça de forma completa para todos os alunos”. (p.01)

Para planejar suas atividades, o professor precisa conhecer seus alunos, como eles interagem com suas experiências em arte e procurar entender as necessidades de cada um para produzir.

O livro Marcos Político-legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva(2010), em seu artigo 30, chama a atenção para a participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte das pessoas com deficiência, destacando:

1-Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

a)Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;

b)Ter aceso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis;e

c)Ter aceso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como,tanto quanto possível ,ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

2-Os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de desenvolver e utilizar seu potencial criativo, artístico e intelectual, não somente em benefício próprio, mas também para o enriquecimento da sociedade. (2010, p.52,53)

Mas, segundo Reily (2010), em seu artigo sobre o Ensino de Artes Visuais na Escola no Contexto da Inclusão diz que “a grande maioria dos cursos de Licenciatura em Arte não está formando professores para atuar com a inclusão” (p.84) e ainda reforça que

diante da falta de publicações na área, este se encontra despreparado para atuar no contexto da diversidade. Portanto esse futuro professor de Arte só começa a entrar em contato com esses alunos com deficiências nos estágios curriculares ou quando assumem uma sala de aula. (p.84)

O que se percebe, a partir daí, é que o professor vai aprender o que estudou com a prática, somente no processo que conseguirá pesquisar sobre a deficiência que seu aluno venha apresentar e para construir seu planejamento, estratégias e materiais apropriados. Um exemplo disso é quando o professor recebe um aluno cego, o material será diferente em relação àqueles que enxergam, mas o conteúdo será o mesmo.

Ao refletir sobre isso, é necessário que a escola se modifique para atender a diversidade a ela apresentada, independentes da condição social e cultural e suas características individuais. E que o professor esteja preparado para tais mudanças, seja ele professor de Arte ou qualquer outra disciplina curricular. Para que a inclusão do aluno aconteça de modo mais completo. Não significa apenas matricular essas crianças com necessidades educacionais especiais em

salas regulares, a escola deve garantir a permanência desse aluno com qualidade em todos os aspectos, garantindo o direito a aprendizagem. A escola tem função social e formativa para todos.

É importante ressaltar que há algum tempo que os alunos com deficiência e com necessidades escolares especiais eram considerados incapazes de estarem inseridos na escola comum e de terem o direito de participar do mundo social e cultural. Hoje cabe às escolas especiais e a escola comum se complementarem. Fazendo-se necessário que o professor do ensino de Arte também esteja inserido nesse processo de ensino/aprendizagem e conheça diferentes estratégias para dar respostas às necessidades das crianças. Segundo as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (2001), “é um desafio a escola ajustar-se para atender a diversidade dos seus alunos” (p.33) e ainda “a flexibilização do currículo, para que seja adequado às condições, respeitado o caminhar e favorecendo progresso escolar e desenvolvimento do aluno, é fundamental”. (p.33)

A cidade de Governador Valadares, por meio da sua Secretaria de Educação/SMED, adotou um documento chamado PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) que tem por objetivo registrar o perfil e trajetória escolar e o atendimento especializado do aluno com necessidades especiais.

Além dos conteúdos da disciplina Arte, trabalhados na escola regular, por um professor, os alunos que participam do Atendimento Especializado fazem parte da oficina de Arte oferecida pelo CRAEDI (Centro de Referência e Apoio a Educação Inclusiva). Esse espaço por meio da oficina é atendido semanalmente os grupos de crianças com deficiências, estas crianças são divididas por grupos de atendimento ou atendidas individualmente, dependendo da deficiência em virtudes das suas necessidades. A oficina tem duração de uma hora semanal. Devido à falta de espaço e a demanda muito grande e apenas uma professora na oficina de Arte ainda faltam atendimento a vários grupos de alunos com deficiência.

O objetivo é o acesso à Arte para esses alunos, atividades artísticas com conteúdos e objetivos que proporcionem a esses alunos acesso ao conhecimento e experiências diversas na oficina. O espaço não dispõe de todos

os materiais necessários, pois ele é mantido pela Prefeitura Municipal da cidade, que na maioria das vezes que são solicitados se justifica dizendo que não ter verba suficiente para atender todas as demandas de compras.

Na oficina de Arte oferecem-se os materiais para o aluno com deficiência de forma que ele também possa manifestar-se artisticamente, pois na maioria das vezes a escola regular não oportuniza a expressão de suas habilidades artísticas, subestimando sua capacidade criativa. Na aula de arte regular na maioria das vezes os mesmos são convidados a colorir contornos já determinados, preencher desenhos fotocopiados, sendo que esse processo não permite ao aluno o direito também de se expressar, de mostrar aquilo que é significativo para ele. É preciso acreditar nessa possibilidade, pois mesmo considerando as limitações, sua capacidade produtiva é inquestionável.

Um exemplo é oferecer para o aluno de deficiência visual materiais diferentes, não somente papel e tinta, ou lápis, mas sim a argila, a madeira, o gesso, o papel com diversas texturas, materiais que vão despertar o interesse em produzir, dispor desses materiais de maneira acessível, em altura na qual possam sentir fazer suas escolhas e produzir.

Além dos materiais em ensino de Arte devem-se oferecer exercícios para compreensão da Arte, esse aluno deve construir suas teorias sobre a Arte interagindo com as discussões e interações com suas produções e as que observam.

O livro Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Mental-MEC (2005) destaca que “no ensino de Arte, a adaptação ao conteúdo de arte e suas práticas na escola comum precisam ser revistas e avaliadas, pois a escola precisa recriar suas práticas, rever papéis, sempre valorizando essas diferenças”. (p.17)

O professor deve organizar diversos tipos de atividades para suas turmas regulares, contemplando também o aluno deficiente que se encontra incluso na mesma. Reily (2010, p.88) aponta que, “nas práticas de Arte na educação especial, ainda predominam estudos que buscam sistematizar a prática da sala de aula, pois uma prática comum ainda é o espontaneísmo” e Barbosa (2008,p15)

menciona “que o espontaneísmo apenas não basta, pois o mundo de hoje e a Arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente e ainda ressalta que “falta uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la, sendo um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade”.

Destacando a palavra “criatividade”, o livro A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades - MEC (2007, p16-17) destaca alguns autores como Vygostsky “um renomado estudioso do desenvolvimento foi um dos defensores desta visão de criatividade”. O livro cita que na concepção de Vygostsky “não podemos definir se um sujeito é criativo ou não apenas a partir de seu desempenho individual” (p.16). As características que compõe o fenômeno da criatividade são dadas pelas experiências de vida de cada sujeito em seu cenário histórico e cultural. O mesmo livro também destaca que a “criatividade precisa ser reconhecida pelo outro, pelo que vai ver sua obra, sua criação, aquele que vai atribuir valor e a utilidade para a produção criativa”. (p.16)

A criatividade consiste em produzir algo novo, mas não solto e improvisado, pode ser a partir de ideias que já existem , é indispensável que o sujeito criativo tenha conhecimentos adequados para ser capaz de combinar ideias e se expressar artisticamente. Ao brincar com seus pensamentos e ideias o aluno construtor de conhecimentos aprimora suas habilidades criativas.

Deve-se permitir então que com os conteúdos de Arte o aluno desenvolva de acordo com aptidões próprias, pois, nas atividades artísticas é onde esse aluno expressará sentimentos e ideias com suas habilidades de criação é por isso que é papel do professor de Arte organizar os conteúdos e condições favoráveis a evolução criadora, proporcionando variedade de material, propostas estéticas e experiências em ambiente adequados. Deve-se dar preferência ao material adaptável a qualquer nível de desenvolvimento desse aluno no ensino de Arte.

Ao planejar suas aulas, o professor deve rever os conteúdos de Arte e saber explorar os mesmos na disciplina, desenvolvendo seu planejamento e os conteúdos escolhidos não devem deixar de conter objetivos para que o processo do trabalho seja compreendido. Trabalhar com a Arte, sua história, suas obras, pesquisando o tempo e lugares, refletindo e estimulando o conhecimento em Arte.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-Arte-1997) os principais conteúdos gerais do ensino de Arte no ensino fundamental são:

- a arte como expressão e comunicação dos indivíduos;
 - elementos básicos das formas artísticas, modos de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte;
 - produtores em arte: vidas, épocas e produtos em conexões;
 - diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias
 - a arte na sociedade, considerando os produtores em arte, as produções suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.
- (p.49)

O papel da escola é de orientar para o desenvolvimento de atividades artístico- culturais. Exercícios variados incentivam o progresso da expressão artística, que depende sempre de novas experiências, ideias e criação.

2. A Importância do ensino de Arte para alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

Ao longo dos últimos anos, a sociedade vem se mobilizando para garantir uma educação inclusiva que respeite as diferenças e garanta que os direitos desta população, bem como sua cidadania, sejam respeitados e garantidos. Esse é um movimento que não se restringe apenas ao âmbito pedagógico, mas envolve também os âmbitos político, cultural e social.

Sendo assim, a aceitação das diferenças e a oportunidade de acesso a classe comum e ao AEE (Atendimento Educacional Especializado), é uma forma de garantir que este aluno tenha acesso a Educação.

O ensino de Arte, desde que reconhecido como área de conhecimento, deverá ter um professor especialista que o contemple. Este professor quando atuando em classe comum se depara com situações de inclusão com os alunos de NEE. Este professor Deverá trabalhar o ensino de Arte de forma a propiciar condições e liberdade para que esse aluno possa construir o conhecimento em arte, dentro dos seus limites, das suas capacidades, dos recursos intelectuais que lhe são disponíveis, tornando-se sujeito, capaz.

O que importa na atividade é que o professor permita aos alunos condições de enfrentar as tensões provocadas e propiciadas pelas atividades artísticas para que tomem consciência do processo da arte. Isso pressupõe uma reflexão acerca da compreensão das diferenças individuais na diversidade humana e, sobretudo, dos processos de criação em arte. Para elaborar o plano, o professor mobiliza diferentes recursos disponíveis a fim de redimensionar suas ações em relação ao acompanhamento do aluno.

Cabe então à escola e o professor, ajudar desenvolver a habilidade de observar e perceber. A capacidade de imaginar é de importância para se criar, e importante para o conhecimento, e importante na estimulação da exploração do universo imaginário. A escola precisa acreditar na individualidade e no poder criativo da criança, na necessidade que essa criança tem de se expressar como um todo.

É muito significativo que a escola propicie uma metodologia compatível com os objetivos a serem atingidos, visando à formação do aluno criativo, conhecedora de sua cultura, do seu meio. Sendo assim, as escolas, juntamente com os professores, devem oferecer condições que estimulem os alunos, deve ter uma sala ambiente para Arte, respeitando a individualidade de cada criança, estimular constantemente adequando-se mediante desafios, elaborar atividades e propostas enriquecedoras e que se identifiquem com os interesses dos seus alunos, respeitando o ritmo de cada um.

Mourão e Iavelberg (2009) destacam

Oferecer suporte técnico, acompanhar o aluno no enfrentamento dos obstáculos inerentes a criação, na resolução de problemas com dicas e perguntas, fazendo-o acreditar em si mesmo, no que faz e pensa; propor exercícios que aprimorem a criação, informar com base na História da Arte, promover a leitura, a reflexão e a construção de idéias sobre arte; e ainda, documentar os trabalhos e textos produzidos para análise e reflexão conjunta configuram o quadro de ações do professor na área de arte. (p.09)

O processo de aprendizagem em ensino de Arte para o aluno com NEE depende também de atividades que podem ser desenvolvidas de forma que a ajuda do professor e a cooperação dos colegas não deficientes sejam fundamentais. É importante que esse professor também não exponha defeitos ou dificuldades desse aluno como referência e sim incentivar na sua produção, elogiar suas tentativas, sendo esse aluno compreendido e tratado como os demais.

3. Observações nas aulas de Arte de uma turma da Escola Municipal Pio XXII-Governador Valadares- MG.

Este capítulo apresenta a observação feita na Escola Municipal Pio XXII, situada em Governador Valadares. – MG. A observação foi realizada nas aulas de Arte da professora Cláudia, que leciona para alunos dos anos iniciais, com idade entre seis e sete anos.

Escolhi para observar uma turma do primeiro ano do ciclo onde ela tinha incluído também alunos com Necessidades Educacionais Especiais, dessa forma pude observar como estava sendo trabalhado o ensino de Arte para essa turma.

Cláudia é formada em magistério (Ensino Médio), não tendo licenciatura em Arte, mas assumiu as aulas após concorrer ao Edital de seleção para professor de Arte na Secretaria de Educação dessa cidade. Segundo a professora, a única orientação sobre Arte para o Ensino Municipal é feita uma vez por mês num encontro de formação em Arte oferecido pela SMED (Secretaria Municipal de Educação).

A professora não tem domínio dos conteúdos de Arte, ela ainda planeja suas aulas baseada em datas comemorativas, eventos oferecidos pela escola, em desenhos de livre expressão ou apenas para ilustração de histórias, na maioria das vezes sem objetivos e ainda em atividades que também na maioria das vezes não contemplam os conteúdos da proposta curricular para a Arte da Secretaria Municipal de Educação. Como exemplo: desenhos estereotipados para colorir (mimeografados ou fotocopiados), e ainda faz o mesmo planejamento para todas as suas turmas, não modificando suas práticas e objetivos direcionados de acordo com as necessidades de cada turma.

De acordo com Barbosa (1998)

Para uma triangulação cognoscente, que impulse a percepção da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer (ação) a leitura das obras de arte (apreciação) e a contextualização, que seja histórica, social, ecológica, etc.(p.92)

De acordo com essa citação percebe-se que nas escolas ainda se tem muito para avançar no ensino de Arte. Estudar e entender a arte, seu contexto histórico e o reconhecimento, pelo professor, de que é necessário desenvolver um trabalho que envolva comprometimento com a arte e da importância da intervenção que ele realiza junto aos seus alunos. É fundamental que o planejamento contemple informações sobre arte, história da arte e sobre artistas e várias possibilidades de produção em Arte além da sua apreciação e a contextualização.

Cavalcanti (1995) ainda destaca que “em muitas escolas brasileiras, até hoje a arte é compreendida como atividade e não como disciplina. Temas e técnicas ocupam lugar de conteúdos e objetivos”. (p.01)

Nas aulas observadas também não foi de surpreender que os materiais usados fossem apenas papel, lápis de cor, giz de cera, pois segundo a professora é esse material básico que é comprado e repassado e muitas vezes é a própria professora que tem que repor esse material.

Nesse sentido, é bom esclarecer que a falta de material para trabalhar o ensino de Arte é uma realidade em quase todas as escolas da Rede Municipal de Governador Valadares. Faltam muitos tipos de materiais como: livros, tintas variadas pincéis, lápis de diversos números, papéis variados, de tamanhos diferentes, etc.

Possibilitar ao aluno a escolha variada e adequada para que realize sua produção artística como exemplo: se estiver produzindo um desenho, com intenção de destacar as linhas, a necessidade de ter canetas com diversidades de tamanho em pontas, o lápis, o giz, o carvão, o pastel, sua produção terá parte do objetivo alcançado.

Szpigel (1995):

É papel de o professor adequar o saber técnico ao saber artístico da criança, ela ainda ressalta que enquanto realizam trabalhos, se encontrar resistência ao material disponível, cabe ao professor dar apoio necessário. E nos lembra que quando a interferência é boa ela não rompe o processo individual das crianças, e esses aparecem nos produtos finais, que revelam a identidade de cada um. (p.38)

Outro problema encontrado na observação foi o espaço físico, a escola que observada é grande, vários espaços, mas nenhum específico para aulas de Arte, sendo essas aulas ministradas nas salas de aula comuns .

É adaptável, mas é recomendável que se tenha uma sala adequada, com mesas, bancos, cadeiras, materiais selecionados e organizados e que permite o processo de construção do trabalho e o aluno sinta incentivado a produzir. Mas mesmo a aula acontecendo numa sala convencional não se constitui empecilho para se desenvolver bons trabalhos com os alunos.

Sabe-se que trabalhar a disciplina Arte nas escolas públicas ainda é um desafio, pois muitas escolas ainda não cumprem a legislação e segundo as autoras Pimentel e Coragem (2004)

O que se coloca hoje é a necessidade de afirmar o ensino de Arte em possibilidades contemporâneas, pois o próprio poder público não ainda não assumiu, por vezes, seu grande papel de garantir um ensino de qualidade a todos os alunos uma vez que há escolas que ainda não estão na conformidade do que se espera seja cumprido à lei atual.(p.01)

Praticamente em quase todas as escolas municipais de Governador Valadares não tem professores com licenciatura em Arte, exigem formação específica, mas na falta desse professor com licenciatura em Arte, as aulas são oferecidas para completar cargos de professores de Língua Portuguesa ou de outras disciplinas. As aulas que sobram são colocadas em editais e o professor que conseguir concorrer, se tiver apenas com o diploma de magistério (Ensino Médio) consegue o cargo.

No primeiro dia de observação na escola, conversei com a professora, que me contou da sua vida profissional, e me direcionou para sua turma de primeiro CI (primeiro ano do ciclo da infância) onde se encontra matriculada a aluna Lidiane que é portadora da síndrome de down com comprometimento intelectual de moderado a grave, mas neste dia Lidiane não estava presente. Nessa turma apenas Lidiane é aluna com NEE.

As crianças estavam empolgadas com a confecção das bandeirolas para Festa Julina que teria na escola naquela semana, feitas de jornais, revistas e

papel de seda. Segundo a professora, eles passaram duas semanas das aulas de Arte (que nessa escola são duas aulas semanais de 50 minutos.) apenas fazendo esses enfeites.

Ainda existem profissionais que incentivam esse tipo de atividade, pois não possuem conhecimento acerca da importância do ensino de Arte e não estão preparados suficientemente para dar o apoio necessário a esse professor, para que desenvolva proposta em Arte. A arte que deveria ser tratada na escola como área de conhecimento, ainda é considerada lazer, decoração, e até momentos de bagunça para muitas pessoas da comunidade escolar.

Pimentel e Coragem (2004) no artigo consideram que:

Há uma variedade de possibilidades no trabalho de ensino de arte, que é necessário buscar estudos e referências que possam dinamizar e adequar o ensino de arte. Ela ainda cita a Abordagem Triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa, que contempla o fazer artístico, a contextualização e a leitura da obra, essa abordagem tem sido a mais usada no Brasil.(p.3)

Na segunda vez que voltei à escola, na sala da mesma professora consegui fazer outras observações, dessa vez também observei como é o ensino de Arte diante da situação da inclusão de um aluno com NEE. Pois desta vez a aluna Lidiane estava presente.

Lidiane a aluna citada, participa das aulas de Arte fazendo as mesmas atividades que os outros alunos, ela interage com os alunos na hora das atividades, mesmo tendo comprometimento na linguagem e dificuldades na coordenação motora grossa e fina. A professora em nenhum momento a deixa fora das atividades, mas também não oferece alternativas de atividades no ensino de Arte que estimule a aluna Lidiane a criar, na verdade suas atividades não estimulam nem os outros alunos da turma a criarem de maneira produtiva. Observei que quando a aluna Lidiane não quer fazer a atividade ela, rabisca tudo e ainda rasga sua atividade. Com a ajuda da monitora, ela consegue poucos minutos de concentração. Ela oscila quanto ao seu interesse pelas atividades, ora demonstrando envolvimento e em outros momentos não.

E como já citei a professora não estando preparada para assumir as aulas de Arte, fica ainda mais difícil quando se depara em desenvolver uma metodologia em ensino de Arte voltada especificamente para uma turma, ou várias turmas que tenham os alunos de inclusão com NEE. As aulas de Arte devem despertar interesse para toda turma, estimulando-os criarem de acordo com conteúdos e objetivos do ensino de Arte. E no caso da inclusão usar materiais e atividades que também promovam o interesse dos alunos comprometidos.

Considerações Finais

As reflexões sobre o ensino de Arte e a inclusão apresentam muitos desafios. No entanto, grandes são as possibilidades de ampliar nosso conhecimento enquanto profissionais se considerarmos questões cotidianas da escola e das instituições de apoio e pensarmos no melhoramento da educação dos alunos e no avanço no ensino de Arte através do pensar, do apreciar e do fazer arte.

A intenção deste texto é de contribuir para ampliar a reflexão acerca do ensino de Arte para turmas que possuem alunos com Necessidades Especiais e para a efetivação de uma nova forma de ensino-aprendizagem e construção de conhecimento.

É fundamental que todos os alunos tenham a oportunidade de aumentarem seus conhecimentos, tendo em vista que, o ensino de Arte deve ser estruturado no favorecimento da criatividade. Em apresentar atividades onde o aluno esteja tanto no lugar de quem produz como no de quem aprecia. Propiciando oportunidades de criação e expressão desses alunos, já que todos nós temos possibilidades criativas.

Conclui-se que o desenvolvimento de atividades no ensino de Arte ainda carece de objetivos tais como: refletir sobre sua expressão e conhecimento, proporcionar a compreensão de seus fatos históricos, contextualizando-os nas diversas culturas, e a adoção de referenciais artísticos para os exercícios que estimulem a efetivação desta nova abordagem.

Referências

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: setembro de 2011 e novembro de 2011.

BARBOSA, Ana Mae. *As mutações do conceito e da prática*. In: *Inquietações e mudanças no ensino de Arte*. org. Ana Mae Barbosa. São Paulo: Cortez, 2008, p.13-23.

FRANGE, Lucimar Bello. *Inquietações e mudanças no ensino de Arte*. In: *Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões?*Org. Ana Mae Barbosa. São Paulo: Cortez, 2008, p.35-47.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo horizonte: C/Arte, 1998.

GUNZBURG, Claudia. *Interritorialidade, mídias, contextos e educação*. In: *Janelas expressas*.org. Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral. São Paulo: SENAC/SP.

CAVALCANTE, Zélia. SZPIGEL Mariza. IAVELBERG, Rosa. CARMONA Yara. *Arte na sala de aula*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

ARSLAN, Luciana Mourão. IAVELBERG, Rosa. *Ensino de Arte*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

Secretaria de Estado De Educação De Minas Gerais. *Proposta Curricular-CBC*. Ensino Fundamental e Médio. ARTE. 2006

REILY, Lucia. *O ensino de Artes Visuais na Escola no Contexto da inclusão*. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a07.pdf>>. Acesso em: Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro de 2011.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. CORAGEM, Amarílis Coelho. *Ensino de arte na UFMG e a integração com a rede municipal de ensino de belo horizonte*.

Disponível em:< www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Educa79.pdf> acesso em outubro, novembro e Dezembro de 2011.

KIRST, Adriane Cristiane. SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca. *A formação de professores através da Arte e inclusão*. Disponível em:< <http://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/viewFile/1623/1312>> acesso em Outubro, Novembro e Dezembro de 2011.

Marcos político- legal da educação Especial na perspectiva da educação inclusiva/Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. 2010.

Diretrizes nacionais para Educação Especial na Educação Básica/Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. MEC, SEESP, 2005.

Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/ superdotação/Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília-DF 2007.

Atendimento Educacional Especializado para Deficiência Mental./ Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. MEC, SEESP. 2005

Ensaio pedagógicos – Programa de Educação Inclusiva: direito à diversidade/ Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília-DF, 2007.

Saberes e Práticas da Inclusão, Introdução/ Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília. 2004.